

GENTILÂNDIA: ENTRE O PROIBIDO E O PERMITIDO

Cicera Glaudiane Holanda Costa

*Mestra em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, glaudiane@yahoo.com.br.*

Resumo

Este trabalho trata da constituição de um território de sociabilidade de jovens LGBTQIA+. Um público composto em sua maioria por adolescentes, que frequentaram nas noites de sexta, entre os anos de 2004 e 2006, um lugar inserido na urbanidade fortalezense: a praça da Gentilândia. Esta praça tornou-se espaço onde os/as jovens em processos relacionais se aproximaram pela identificação de práticas parecidas e estabeleceram uma visibilidade que trouxe consequências para a permanência das/os jovens naquele espaço. Partindo de uma pesquisa de campo, a presente pesquisa propõe-se a identificar e compreender essa experiência na praça da Gentilândia como a constituição de um território de sociabilidade que interpela os lugares hegemônicos do sexual. Para tanto, o referencial teórico baseia-se nas teorias feministas e nos estudos LGBTQIA+. O processo metodológico de coleta de dados foi composto de: observações realizadas na pracinha durante um ano, diário de campo, reportagens extraídas de revistas, jornais, e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Palavras-chave: Visibilidade, Sociabilidade LGBTQIA+, Territorialidades.

Considerações introdutórias

A escolha por meu “objeto” de pesquisa está associada a uma sexta-feira, 2 de setembro de 2005, quando eu visitava a Praça da Gentilândia curiosa em observar de perto, pela primeira vez, um grupo de jovens (entre 13 a 24 anos) que imprimia uma cor diferente e peculiar àquele espaço. Trata-se de uma praça ampla, com aproximadamente 1000 metros quadrados, arborizada e agradável, localizada nas proximidades da avenida 13 de Maio. Talvez por sua localização privilegiada, em um bairro universitário de Fortaleza, o Benfica, a pracinha da Gentilândia, como é popularmente conhecida, é uma das mais movimentadas da cidade.

A partir do ano de 2004, essa densidade passou a assumir um colorido especial. A causa desse colorido era o que mais me chamava atenção e me atraía. O espaço rapidamente foi tomado por um grande número de jovens e adolescentes vindos de diferentes bairros. Essas pessoas, nas noites de sextas, territorializaram a praça para estabelecer uma sociabilidade LGBTQIA+¹. Impedidas/os pela própria faixa etária de frequentarem boates ou bares, configuraram na praça um território que possibilitou a criação de laços, encontros, paqueras e diversão.

A primeira vez que observei essa imagem de longe, tive a sensação mista de encanto e estranhamento, causada pelas formas e tons vibrantes que as cenas na praça provocavam em meus olhos. Era uma observação à distância. Quando resolvi sentir a Gentilândia de perto e por dentro, trafegar entre os/as adolescentes, observar gestos e tentar compreender um pouco a montagem de sons e imagens que me rodeavam, fui surpreendida por uma cena que transformou aquela noite em uma atmosfera obscura e sufocante.

Enquanto conversava com amigas na praça, fomos surpreendidas por uns sete policiais militares em fila indiana desfilando entre as/os frequentadoras/es em uma atitude de vigilância. Às 22 horas, os policiais começaram a ordenar que as pessoas deixassem o lugar. Os

1 LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersex, Agêneros, Assexuados e mais). O “+” no final da sigla indica as inúmeras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero. É importante salientar que dependendo do contexto histórico, social e político a sigla sofre modificação.

poucos que reagiram foram agredidos fisicamente. Tentamos intervir questionando um policial sobre o abuso de autoridade empregado. Este, por sua vez, nos comunicou que a ação policial se fazia presente por pedido feito através de um abaixo-assinado organizado pelos moradores do entorno da praçinha, indignados com a presença e o uso que as/os jovens estavam fazendo da praça.

Os policiais promoveram cenas de violência, coagindo os presentes com empurrões, pontapés e chutes, tentando fazer com que as pessoas voltassem para suas casas. Ao intervir, recebi ordem de prisão por desacato à autoridade. Logo em seguida, mais duas pessoas se juntaram a mim dentro de um camburão (uma jovem de 17 anos e um rapaz de 35).

Apertados(as) naquele cubículo ouvíamos os pedidos de reforços, que não tardaram em chegar. No contraponto foram acionados a Secretaria de Direitos Humanos e o Juizado Especial Móvel para menores.

A polícia não podia e nem queria admitir a força e o poder que “viados”, “sapatões” e travestis estavam demonstrando naquele momento. Se existissem vencedores, ali, deveriam ser representados pela instituição que, pela força, legitima o Estado. Assim, fomos levadas/os à 14ª Delegacia. Depois de uma intensa negociação fomos liberadas/os à 01:00h da manhã.

A partir dali, me propus a pensar aquele território como tema de uma pesquisa antropológica. Ao tomar a praça como objeto de investigação, me indagava sobre a formação e efeitos daquela sociabilidade na vida cotidiana da praça. Como essa sociabilidade era percebida por quem frequentava e por quem observava. Como a apropriação da Gentilândia tornava-se privilegiada para pensar as relações de poder e dominação no campo sexual.

À medida que prosseguia minhas observações, tentava desenvolver um olhar de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), exercitando uma etnografia² preocupada com questões ligadas à cidade, colocando em

2 Em artigo, José Guilherme Cantor Magnani reflete sobre o processo etnográfico na cidade escrevendo que “a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o pesquisador iniciou a pesquisa.” (MAGNANI, p.17: 2002).

prática nas incursões de campo algumas técnicas e métodos de pesquisa. A observação participante foi um método importante para a apreensão da praça da Gentilândia e suas e seus personagens, além de exercer papel fundamental na obtenção dos dados. Como destaca Cicourel (1980), o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. Assim, para desenvolver uma pesquisa com pretensões qualitativas deve-se levar em consideração discursos, olhares, pontos de vistas e práticas dos atores e atrizes em questão.

As idas e vindas à praça foram registradas no diário de campo. As visitas à Gentilândia foram feitas em atitudes informais. Os sujeitos da pesquisa revelaram-se nesse contexto de informalidade e os dados mais expressivos sobre a experiência desse grupo foram descobertos nestas circunstâncias.

Jennifer, estudante da UECE, tornou-se uma importante “informante”. A amizade com ela facilitou a entrada, já que ela era frequentadora do lugar e mantinha uma rede de relações que foi importante para estabelecermos os primeiros contatos. Vale ressaltar que na experiência de 2 de setembro ela também havia facilitado a minha entrada, pois de certa forma propiciou um reconhecimento e um consentimento de minha presença.

Tal fato lembrou-me Geertz que, pesquisando os balineses, conseguiu ser visível a partir de uma batida policial em uma briga de galos³. Comigo ocorria algo semelhante, pois a minha visibilidade teria sido viabilizada por participar daquela situação inusitada de truculência policial. Aquela situação despertava, mais ainda, a vontade de investigar a formação daquele território, explicitar o processo de territorialização, os contatos estabelecidos, os conflitos e as relações de poder.

Depois da inserção no grupo foram realizadas as entrevistas. Todas as entrevistas partiam de um roteiro inicial, mas não ficava presa a este, sendo diversas vezes redirecionadas a partir das falas e interesse das/os entrevistadas/os. Cabe neste momento salientar que algumas pessoas entrevistadas, principalmente as/os moradoras/es,

³ Ver Geertz, Clifford. A interpretação de Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

pediram que seus nomes não fossem revelados na pesquisa. Por este motivo, todos os nomes relativos às entrevistas são fictícios.

O processo metodológico de coleta de dados também foi composto por uma pesquisa bibliográfica e coleta de dados através de informações em folders e reportagens extraídas de revista⁴ e jornais.

A pesquisa procurou identificar o processo de territorialização e sociabilidade LGBTQIA+ formada na praça da Gentilândia. As discussões ocorreram a partir de Foucault. Para o autor, a sexualidade é um dispositivo histórico⁵ constituído por discursos. Durante muito tempo os discursos e olhares foram produzidos pela medicina, psiquiatria, sexologia, etc. com a intenção de justificar práticas discriminatórias.

As questões relativas à sexualidade passaram a ser pensadas e debatidas de uma forma mais ampla, sobretudo devido às teorias e práticas dos movimentos feministas e LGBTQIA+, surgidos na década de 1960, e ao advento da AIDS⁶.

O desafio das feministas ao patriarcado, à rigidez dos papéis de gênero e aos costumes sexuais tradicionais desencadeou uma discussão na sociedade brasileira que convergiu com questões levantadas pelo movimento gay a partir de 1978. Ativistas gays, e muitas feministas viram uns aos outros como aliados

4 FONTELES, Ana Rita. Devassos no paraíso? Ocupação da tradicional praça da Gentilândia por homossexuais às sextas-feiras causa conflitos e faz pensar sobre visibilidade gay. Cidadania e convivência entre diferentes. *Revista Universidade Pública*, Fortaleza, n.28, p.30-33, nov./dez. 2005.

5 Ao escrever a “*História da Sexualidade*”, Foucault nos mostra como através dos discursos a sexualidade é inventada e reinventada. Através dos discursos a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. Para ele “a sexualidade o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.” (FOUCAULT, 1985, p.100).

6 Depois da AIDS, tudo o que se desenhava em círculos minoritários do campo cultural ganhou uma publicidade inusitada. Através de depoimentos pessoais, livros e filmes, sujeitos portadores do vírus ou de sintomas da doença passaram a falar livremente de suas experiências sexuais e amorosas para o público ‘heterossexual’, sem constrangimento ou censura. Mais do que isso, a urgência em comentar práticas sexuais não reprodutivas pôs definitivamente em questão o modelo da vida sexual conjugal e heteroerótica, desvinculando o prazer de procriação. (COSTA, 1992, p.167).

naturais contra o sexismo e uma cultura dominada pelo machismo (GREEN, 2000, p.394).

A articulação e mobilização dos movimentos, feministas e LGBTQIA+, foram fundamentais para questionamentos e discussões sobre a desnaturalização de categorias como a de gênero. Esses movimentos sociais introduziram questionamentos, oferecendo novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação fazendo perceber como a formação patriarcal, racista e heteronormativa contribuíram para uma cultura misógina, machista, racista e LGBTQIA+fóbica.

Em nome da ciência, principalmente no século XIX, foram produzidas teorias que implicaram na sexualidade, no controle de comportamentos e na demarcação de “perversões sexuais”. Nesse discurso regulador inventou-se a mulher histérica e o “pervertido” (homossexual), tipos particulares que foram submetidos à observação e ao controle a fim de garantir o sossego social.

Com mecanismos de vigilâncias, as instâncias de controle visam disciplinar e corrigir as sexualidades periférica⁷ (FOUCAULT,1985). Neste sentido, a medicina usou um grande aparato para penetrar na vida cotidiana do casal e remodelar os comportamentos diagnosticados como desviante. O discurso recorrente surge em defesa de uma sexualidade normalizante, representada pela heterossexualidade.

Quando uma sexualidade periférica se desvela, surge um movimento contrário sustentado em ideias e comportamentos conservadores a fim de refrear e submetê-la a uma cortina que encubra e a torne invisível ou desapercibida.

Introduzindo essa discussão no interior da praça da Gentilândia, perceberemos microprocessos que visaram restabelecer o ordenamento anterior do lugar. Essas/es jovens com suas identidades de gênero e orientações sexuais, subverteram padrões e romperam com a rotina do lugar. Fizeram emergir uma articulação de posturas e

7 Para Foucault, “a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos é o prazer dos que amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo.” (FOUCAULT, 1985, p.39).

atitudes voltadas a preservar a “normalidade” da praça. A sociabilidade experimentada na praça compunha a periferia da sexualidade por seu caráter desviante em relação ao comportamento heterossexual hegemônico, que é tomado como matriz.

A territorialidade foi construída a partir do protagonismo de pessoas dispostas a romper com um modelo imposto como padrão e recriar um espaço onde suas orientações sexuais e identidades de gênero estariam presentes e visíveis.

Dessa forma, o território para esta pesquisa transcende a imagem física espacial, pois está relacionado também a uma ordem de subjetivação e a uma territorialidade construída por certo grupo que redefine este espaço imprimindo outros matizes. Isto é, a praça alterava a teia padronizada de um comportamento social e sexual sustentado pelo patriarcado, pelo machismo e pela heteronormatividade.

Resultados e discussão

A montagem da praça da Gentilândia deu-se através do estabelecimento de relações a partir de um processo de identificação e sentimento de pertença entre jovens, com faixa etária variando entre 13 a 24 anos de idade. Esse público produziu, nas sexta-feiras, um território de sociabilidade LGBTQIA+ na urbanidade de Fortaleza, estabelecendo uma “territorialidade marginal”. Isto é, uma territorialidade que se forma nas margens das estruturas de normas e padrões que teimam em organizar e definir a sociedade. Em relação a essa territorialidade delineada, um jovem frequentador enfatizava:

Tem muito laço forte construído ali, mais que um fica então a praça extrapolou esse negócio de você ir lá pra paquerar, namorar sabe, é questão mesmo de você trocar experiência “ah eu sou gay e minha mãe não me entende e tal”, então a galera vai lá vão trocar experiência, trocar relato e tal, pessoas que não teriam acesso, não tem idade pra frequentar boate vão pra praça, que começa cedo e termina cedo (Gentil, 20 anos, entrevista realizada em 26. 05. 2006).

Essa sociabilidade tornou-se fator distintivo para ocupação da praça. Sociabilidade que aos poucos estabeleceu uma visibilidade de práticas que rompia com a vida cotidiana da cidade e atraía diversos

olhares. As reações produzidas pela percepção dessa visibilidade traduziram-se de diferentes modos.

As/os moradoras/es, que experimentavam a praça como prolongamento de suas casas, sentiram-se invadidas em seu espaço privado. A partir dos sentimentos gerados frente a algo estranho e novo para essas famílias, articulavam-se “providências” a fim de deter o avanço e a ampliação dessa sociabilidade no espaço da pracinha. Entre essas atitudes houve a elaboração de um abaixo-assinado pedindo posicionamento das autoridades públicas frente ao “problema”. Forneceram depoimentos a programas policiais da TV local e programas de rádio exigindo a retirada das/os jovens que frequentavam a praça na sexta, com a justificativa pautada nos discursos que evocam a ordem moral e o direito privado de não poderem ser incomodados em suas propriedades. As reclamações mais recorrentes apresentadas pelas/os moradoras/es sustentavam-se no barulho, no uso de bebidas alcoólicas por menores e na falta de respeito devido aos namoros em suas calçadas e muros.

Botarem a mão na mão, sentar, dar beijinho, braço no braço, sair abraçado, um cheiro, um abraço pra eles não é suficiente, eles precisam chocar, aí num momento que choca alguém que alguém se sente ofendido, invadido, aquela coisa de você ter um filho, tem pessoas aqui que foram embora porque tinham filhos pequenos e ficava assim aquela coisa, mamãe, papai por que aquele homem tá pegando a mão daquele homem ali? Aí, o pai ficava..., pôr na verdade ninguém quer que exista esse problema na família (Maria, 47 anos, entrevista realizada em 05.07.2006).

Nas falas obtidas em entrevistas é recorrente perceber o espanto, a indignação, o preconceito. Nesse sentido, pode-se refletir sobre algumas peculiaridades do processo histórico de formação social nordestina e cearense que está inclusa na sociedade brasileira. “A região Nordeste é uma das mais tradicionais e conservadoras em seus costumes, onde é extremamente valorizada a virilidade, tendo um padrão de masculinidade dominante dos mais rigorosos” (ALBUQUERQUE, p.314, 2002). O discurso cearense de apologia ao ser “macho”, viril e

destemido é um pilar que pode nos fornecer pistas para compreensão de nosso comportamento machista e LGBTQIA+fóbico⁸.

Quando nos fixamos no cenário cearense, reportando-nos à linguagem mais usualmente empregada nas camadas populares, a palavra macho, usada como vocativo freqüentemente nas conversas informais, revela que a figura do nordestino inicialmente constituída ainda se reflete, na atualidade, na cearensidade. Por outro lado, os insultos coletivos, sonorizados em forma de “pêi, matei um gay”, não nos deixam dúvidas acerca da homofobia presente no Ceará (PEDROSA, 2006, p.208).

Nessa perspectiva, os conflitos que se processaram na praça da Gentilândia podem ser observados levando-se em consideração os fatores específicos da formação cultural e sexual da/o cearense. É essa formação que sustenta ou/e gera a própria/o LGBTQIA+fóbico.

Se de um lado tinha os/as moradores/as, do outro havia a formação de um grupo de jovens dispostos a “reconquistar” o território da praça. No cotidiano da praça tornaram-se frequentes: agressões, assaltos, insultos, arrastões. Essa situação teve visibilidade junto à mídia fortalezense dando lugar a matéria em revistas, jornais, bem como programas de rádio e TV.

O jornal *O Povo*, de 20 de maio de 2005, reservou uma página inteira para uma “Cobertura Especial” sobre a praça da Gentilândia. A matéria tinha a seguinte manchete: “Homossexuais espancados e perseguidos na Gentilândia”⁹. Segundo a reportagem, o local virou uma praça de guerra entre “bombados X homossexuais”, “pitboys” decretaram toque de recolher e quem não cumpriu foi encurralado entre pontapés, socos e palavrões. Às 23h30min daquele dia, vários jovens foram agredidos/os moral e fisicamente, como o rapaz que foi espancado, teve o relógio roubado, o nariz quebrado e o celular arrancado da calça juntamente com o bolso¹⁰. Aqui podemos pensar como a

8 Referência a manifestação de toda e qualquer tipo de violência psicológica ou física dirigida a comunidade LGBTQIA+. “O conceito de homofobia, definido no final do século XX, remete à intolerância contra as práticas homossexuais, que leva muitas vezes a ações de violência dirigida aos homossexuais, como agressões físicas, mutilações e assassinatos.” (PEDROSA, 2006, p.203).

9 ALCANTÁRA, Vanessa. Homossexuais espancados e perseguidos na Gentilândia. *Jornal O Povo*. Fortaleza, 20 mai. 2005.

10 Extraído do jornal **O Povo**, 20 de maio de 2005.

capitalização do estigma¹¹ (GOFFMAN,1980) oferece certa permissão para uma violência específica. “Porque eles acham que é veado não vão reagir, aí eles pegam o que podem: celular, boné, essa coisas...” (Relato de Bruno, 17 anos, entrevista realizada em 21.07.2006).

Outro fato que teve certa repercussão, por conta da violência e arbitrariedade realizadas pelos policiais militares (PMs), aconteceu em 2 de setembro de 2005¹². Naquele dia, a polícia foi chamada pelas/os moradoras/es, como ratifica o relato abaixo:

Um soldado amigo da gente disse: “a senhora quer acabar com isso aqui? Vá ali (...) fale lá com o Major que ele faz a blitz da polícia, a blitz vem na sexta-feira e vai acabar isso aqui.” Aí a gente fez né!? Tamo aqui traga umas dez pessoas. arranjei dez pessoas, o povo aqui num gosta muito de ajudar nesse ponto não. Quando foi sexta-feira eles vieram, parecia um ponto de guerra, a polícia rodando de um lado pra outro. Nesse dia, minha filha, foi que veio gente! Mas num tavam sabendo desse negócio de blitz. Mas aí foi um, disseram que eles bateram, eu num vi eles batendo em ninguém não! Se bateram foi por desaforo deles mesmos, que fizeram da polícia ... Desafiaram a polícia, né? Dançando, se rebolando, Aí a polícia chamou reforço, sei que foi muito, ave-maria! Foi um pé de guerra! (...) Eles corriam com o pessoal mandando simhora.Tá na hora! Tá na hora! Vão simhora, vão simhora com o cacetete, saíam tudo na carreira e arrudiavam tudo assim, iam pra li pra-quele lado, aí gritavam assim: polícia é pra ladrão e baixa a repressão! (Antônia, 68 anos, entrevista realizada em 12.07.2006)

Poder-se-ia indagar se os arrastões seriam uma espécie de “licença” para a violência, valendo-se do estigma. De qualquer maneira,

11 “Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável... Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem.” (GOFFMAN, p.12: 1980).

12 O fato foi relatada nas considerações introdutórias. A imprensa noticiou da seguinte forma: “CARRO de som gera conflito na praça” (Jornal **O Povo**, Fortaleza, 03 set. 2005).

os arrastões surgem para demonstrar poder e demarcar território. Os autores dessa prática, em uma exibição da capacidade de domínio, editavam dentro de certa regularidade uma mostra pública dramatizada, onde o seu poder aparecia por meio da violência ritualizada.

Eles se juntam lá, às vezes eles brigam entre si, as gangues, eles soltam rasga-latas pra assustar o povo, ficam só rodando, rodando de bicicleta alguns, a maioria de bicicleta e de bonés, parece que eles já vêm fardados, aí rondando, rondando, aí quando dá uma certa hora começa o arrastão, eles saem correndo atrás de todo mundo, tomando celular, bate, agride, eu me sinto assim na São Silvestre, eu não vou menti, um dia desses começou o arrastão que eu saí correndo quando eu olhei pra trás era tanta gente correndo que eu nem acreditei que tinha tanta gente correndo ali naquela praça parecia assim uma maratona. (Frequentador Cris, 18 anos, entrevista realizada em julho de 2006).

Nesse ponto, poder-se-ia refletir sobre a especificidade dessa violência, marcada pelas normas de gênero rompidas para se vivenciar uma forma diferente de ser homem e/ou mulher. Um tipo de violência que atraía um apoio perverso do tipo “prefiro ter uma filha ou filho ladrão ou ladra, do que serem veado. trans ou sapatão”. Assim, muitas famílias da rua Santo Antônio viam os arrastões positivamente, como a última alternativa para afastar os frequentadores/as “incômodos”.

Tem os arrastões. Abençoados! Graças a Deus tem esses arrastões, porque quando não tinha os arrastões elas saíam meia noite uma hora da manhã com a maior balburdia. Como tem os arrastão aí ela é uns pixotes de arrastão menino, menino véi, bem pequeno assim, sabe? Aí bota tudo pra correr e tem de 13, 12 14 anos os meninos (...) Mas bota tudo pra correr, bota mesmo! A gente dá graças a Deus ao arrastão, tanto que a polícia uma vez veio e eu disse: O que é que vocês estão fazendo aqui vão simhora! Porque enquanto a polícia está aqui o arrastão não se manifesta, né! Aí, mas quando a polícia sai, eles mandam brasa! É carreira feia, é carreira feia... (Moradora Antônia, 68 anos entrevista realizada em 12.07.2006)

As falas das/os moradoras/es evidenciam certa aliança simbólica com os arrastões, formando uma forte trincheira disposta a pôr fim

a presença e a sociabilidade LGBTQIA+ da praça. Uma moradora que não apoiava essa aliança confidenciou que houve arrastão encomendado por moradores/as:

É uma maior guerra aí para tirarem eles (jovens LGBTQIA+). Aliás uma senhora que pagou até o arrastão pra maltratar eles, sabe. O arrastão chegava e aí eles corriam, sabe aí eles tomavam o que eles tinham celular, relógio (...) Ela ficou até de mal comigo porque eu nunca acoitei a besteira dela... (Moradora Estela, 72 anos, realizada em 07.07.2006).

Os recorrentes ataques atraíram diversos olhares, além de jornalistas, pesquisadoras/es, artistas, movimentos sociais como o Grupo de resistência Asa Branca – GRAB, Liberdade de Amor entre Mulheres do Ceará- LAMCE, A Marcha das Mulheres Cearenses e intervenções realizadas pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

A partir do segundo semestre de 2006, os arrastões começaram a ocorrer mais cedo, resultando na migração das/os jovens para um espaço privado chamado de “Cafofo do Barão”, boate que recebia menores de idade e que se transformou no novo ponto para estes jovens vivenciarem a sua identidade de gênero e orientação sexual.

Esse processo é importante para que se perceba as dificuldades de uma experiência pública não hegemônica. A visibilidade dessa experiência desencadeia atitudes moralizantes na perspectiva de reconduzir a sociedade para sua “normalidade”.

As experiências vivenciadas por essas/es jovens constituíram um tipo de resistência e reivindicação, considerando a demanda de um espaço onde pudessem se encontrar, independente de suas idades, orientação sexual ou identidade de gênero.

Considerações finais

As diversas sociabilidades e territorialidades urbanas são formas de inscrição no contexto segmentado da cidade. Nessa perspectiva, a pesquisa procurou reconstruir o processo de socialização e territorialização elaborado na praça da Gentilândia entre os anos de 2004 a 2006. Um movimento intensivo e extensivo pertencente a memória fortalezense e realizado por jovens, na maioria adolescentes que se autoidentificavam com a comunidade LGBTQIA+.

Durante três anos, a sociabilidade gerada por jovens LGBTQIA+ tornou-se uma rotina, suas/seus frequentadoras/es através de códigos, símbolos, vivências, promoveram processos de identificação entre si.

Essa sociabilidade tornou-se fator distintivo para ocupação daquela praça. Uma sociabilidade que, aos poucos, estabeleceu uma visibilidade de práticas que rompia com a vida cotidiana da cidade e atraía diversos olhares. As sensações produzidas pela percepção dessa visibilidade traduziram-se de diferentes modos. Muitas se transformaram em violência.

O que incomodava mais na Gentilândia era o seu caráter desviante, que alterava a teia padronizada de um comportamento social e sexual sustentado pelo patriarcado e uma heterossexualidade considerada normal. A linha tênue de convivência entre moradoras/es e frequentadoras/es transformou o lugar em palco de disputas e resistências. Das cenas produzidas, as que mereceram maior destaque, por seu caráter ostensivo, foram as que envolveram atos violentos provocados pela turma dos arrastões.

Os arrastões eram ritualizados por adolescentes que editavam seu domínio e poder através de uma dramatização pública de violência (autorizada pelas/os moradoras/es). O objetivo principal era “assustar” e afastar “viados” e “sapatões” que tinham “invadido” a praça. Uma violência “autorizada” que nos faz refletir sobre sua própria especificidade ligada às normas de gênero que aparecem rompidas para se vivenciar uma forma diferente de ser homem e/ou mulher. Violência que revela o comportamento LGBTQIA+fóbico presente no espaço urbano fortalezense.

Em resposta à violência, algumas iniciativas foram articuladas por movimentos organizados, por grupos independentes e pelo poder público. A intervenção do poder público visava restabelecer a ordem rompida vigiando e disciplinando o espaço na tentativa de recuperar o “sossego social”. Seja como for, independente das formas como foram processadas, essas iniciativas introduziram na agenda da cidade reflexões sobre a sexualidade, como também contribuíram para a para a resistência das/os jovens naquele espaço.

A saída das/os protagonistas dessa pesquisa, impulsionada principalmente pelos ataques ostensivos dos arrastões, pôs fim aos encontros das sextas-feiras na praça da Gentilândia. Um movimento que durou três anos reconfigurou-se em um espaço consentido. Com

isso perdia-se uma territorialidade que questionava a apropriação do espaço público através de práticas transgressoras as “normas” sociais.

As imagens das experiências vivenciadas por aquelas/es jovens compuseram um cenário de resistência e reivindicação na praça da Gentilândia que a memória tratou de guardá-la. Trazer essas memórias à tona é ter consciência da importância da produção de pesquisas que reconstituam a história de luta e resistência do movimento LGBTQIA+ no país.

Referências

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de; CEBALOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton (orgs). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil**. São Paulo: Xamã: NCCC/SUNY, 2002.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. Rio Grande do Sul: Livraria Francisco Alves, 1980.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoe-rotismo**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal. v. 1. 1985.

GOFFMAN, Erving. Desvios e comportamentos desviantes. In: **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MAGNANI, J.G.Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, no. 49, junho de 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PEDROSA, Francisco. Homofobia, políticas de prevenção e respostas sociais à epidemia de AIDS. In: PAIVA, Antônio Cristian Saraiva e VALE, Alexandre Fleming Câmara (orgs.) **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.